



MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE RURAL DE EXTREMA-CONGONHAS DO NORTE/MG

CALVÃO, Alessandra²

² Graduada em Biologia pela PUC-MG, Especialista em Ensino Investigativo pela UFMG e Discente no programa de pós graduação em Estudos Rurais da UFVJM, Congonhas do Norte/MG, alessandralopescalvao@hotmail.com.

RESUMO

O presente relato de pesquisa popular é fruto da vivência e atuação da organização da sociedade civil na comunidade rural de Extrema - Congonhas do Norte/MG e do Espaço Educacional Contraponto, que tem promovido diversas ações de educação e formação dos agricultores familiares. Vamos relatar o processo de mobilização social dos agricultores familiares para a transformação local através da implementação de técnicas de ciências socioambientais como a Agroecologia.

PALAVRAS-CHAVE: mobilização social; agroecologia; ecotecnologias sociais

INTRODUÇÃO

Após a formação acadêmica em Ciências Biológicas, que desenvolveu em mim uma consciência ambiental e a certeza da necessidade de mudança de paradigmas de nossa sociedade e, ao conhecer ciências que resgatam conhecimentos ancestrais como a Permacultura, Bioconstrução e a Agroecologia, idealizei um projeto e, a fim de desenvolvê-lo, me mudei para uma comunidade rural. Há 8 anos resido na comunidade de agricultores familiares de Extrema, situada no município de Congonhas do Norte/MG. A comunidade é formada por cerca de 40 famílias que tiram seu sustento da terra ou o conseguem prestando serviços para grandes produtores rurais. Com uma história de formação muito ligada à força da união comunitária, esse belo vilarejo, localizado no coração da Serra do Espinhaço e entre duas bacias hidrográficas, ainda mantém resquícios de suas tradições culturais bem específicas, das técnicas de construção com terra e do uso de plantas medicinais.

Nesse período fui acolhida pela comunidade e focalizei alguns processos de mobilização comunitária, para preservar a cultura local através da promoção de festas e de turismo de base comunitária. Após a formação de uma associação comunitária, conseguimos alguns avanços para nossa comunidade, desde então, o engajamento dos moradores vem crescendo exponencialmente. Profissionalmente, atuei na Secretaria Municipal de Meio Ambiente, como representante municipal do Instituto Estadual de Florestas, como educadora na Escola Estadual de Congonhas do Norte e mais recentemente como Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal.

Há 3 anos iniciamos efetivamente o projeto idealizado, denominado Espaço Educacional Contraponto, com o objetivo de desenvolver o empoderamento, a autonomia e a coletividade dos indivíduos para a autogestão da comunidade. Promovemos o acesso a informação, através de cursos gratuitos e abertos a todos, disseminando conhecimentos que na prática se tornam soluções para problemas locais. Por meio de mutirões estamos construindo, com materiais alternativos, um espaço educacional comunitário, implementamos mais de 30 fossas ecológicas e assim capacitamos grande parte da população local para aplicarem diversas tecnologias sociais ambientalmente corretas. Com este movimento o turismo local vem sendo fomentado, a geração de



novas formas de renda para a população tem se apresentado, parcerias com instituições vêm sendo estabelecidas, políticas públicas locais vem sendo instituídas e vem sendo propiciada a valorização de saberes, que estavam sendo abandonados e que agora começam a ser resgatados.

Pretendemos neste relato de experiência popular, descrever brevemente parte do processo de mobilização, formação e transformação, ocorrido na comunidade de Extrema através do desenvolvimento deste projeto. Contextualizaremos, inicialmente, o perfil da comunidade e como se deu o processo de desenvolvimento do Espaço Educacional Contraponto e alguns dos resultados obtidos ao longo desses anos. Bem como os principais campos de ação correlatos ao tema da Agroecologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

I - A comunidade de Extrema e o Processo de mobilização social

O vilarejo rural de Extrema está situado no município de Congonhas do Norte, localizado na região central do Estado de Minas Gerais, inserido no bioma da Cordilheira do Espinhaço, reconhecido pela UNESCO como hotspot por sua importância na manutenção da biodiversidade. O município possui uma população estimada de 5.128 habitantes (IBGE 2016), sendo seu índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,568, similar aos das regiões mais pobres do estado. Destaca-se que Congonhas do Norte tem uma realidade socioeconômica que retrata várias faces da vulnerabilidade social existente em nosso país, como a falta de emprego, êxodo rural, falta de lazer e pessoas em condições precárias de vida. Segundo dados do IBGE 2015, o salário médio mensal da população era de 1,8 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 7.0%. Esta realidade também é a da comunidade de Extrema, onde a principal forma de fonte de renda são os trabalhos temporários em fazendas do agronegócio na região.

A comunidade de Extrema foi fundada na década de 70 pelo agricultor Sr. Joaquim Candeia, que no anseio de formar uma comunidade em suas terras, passou a doar partes do terreno para famílias que moravam dispersas pela região do Rio Paraúna. A comunidade, de cerca de 200 habitantes, tem sua fonte de subsistência alicerçada na agricultura familiar. Além do plantio de alimentos, como mandioca e feijão, e da pecuária de pequeno porte destinados ao consumo e produção de alguns produtos, sua população masculina presta serviço em propriedades rurais de maior porte. Residindo em tempo integral no vilarejo, vemos apenas mulheres, crianças e idosos já aposentados. Os adultos e jovens do gênero masculino são levados ao êxodo temporário e passam maior parte do ano nas cidades vizinhas, desempenhando os mais diversos trabalhos, seja em fazendas do agronegócio, na construção civil, ou em outro tipo de atividades que demandem de baixa instrução. Enquanto isso, são as mulheres e os idosos os principais responsáveis pelo cultivo das roças e outras produções agropecuárias nas propriedades em que as famílias residem.

A história e identidade cultural da comunidade, marcada por saberes tradicionais relacionados as plantas medicinais, construções naturais, técnicas próprias de cultivo e manifestações artísticas, como a marujada, vem se perdendo de maneira significativa. As casas de pau-a-pique e adobe são substituídas pela alvenaria, os chás e remédios caseiros são cada vez menos utilizados, as manifestações culturais típicas estão presentes apenas na memória de seus habitantes mais antigos e as novas gerações já não dominam saberes tradicionais, nem



mesmo os de produção. As mazelas sociais derivadas da Revolução Verde assolam as populações camponesas, e vão desde a posse da terra e a inserção ao mercado, até as doenças que têm proliferado nesse meio devido ao abuso de agrotóxicos, colocando assim em risco sua soberania e segurança alimentar. Essas consequências têm sido devastadoras para os agricultores familiares e as pequenas comunidades rurais, que além de enfrentar todos esses problemas, tiveram seu estilo de vida e padrão de produção alterados, sua relação com a terra ameaçada e passam por um processo de aculturação significativo.

Através da fundação da Associação Comunitária de Agricultores da Região Extrema /ACARE, em 2010, um processo de mobilização social iniciou-se na comunidade. As primeiras ações resgataram os mutirões, que tradicionalmente eram realizados, reformou a capela construída pelo fundador do vilarejo e também promoveu limpeza da comunidade, além de exercer pressão política para a instituição da coleta de resíduos sólidos em Extrema. Tal associação e as conquistas alcançadas geraram um sentimento maior de pertencimento e autonomia aos moradores, resultando em um engajamento e no fortalecimento da identidade social.

Desde 2015, em parceria com a ACARE, foi fundado o Espaço Educacional Contraponto, um projeto de educação humano-ambiental, que através de uma metodologia educacional democrática e libertária, visa desenvolver o empoderamento, a autonomia e a coletividade dos indivíduos para a autogestão da comunidade almejando estabelecer um ecovilarejo rural. O objetivo final de cada um dos projetos desenvolvidos pelo contraponto e de cada uma de suas ações educacionais, é o de formação e capacitação dos agricultores familiares objetivando a geração de renda e propiciando qualidade de vida. A partir de demandas da comunidade, o Contraponto promove cursos dos diversos campos dos conhecimentos de ciências socioambientais como a Permacultura, Bioconstrução e a Agroecologia, com o intuito de disseminar, entre os agricultores familiares da região, estas práticas e tecnologias sociais. Assim problemas como os do saneamento, produção de alimentos seguros e formação de profissionais vem ocorrendo e transformando a realidade do vilarejo.

A Permacultura é uma ciência que estuda o design de ambientes humanos sustentáveis, e utilizamos suas técnicas de sistemas ecológicos de tratamento de efluentes para solucionar o problema de saneamento do vilarejo. A Bioconstrução promove o resgate cultural, valorização dos conhecimentos tradicionais e preservação de casas construídas com técnicas como a taipa de mão e o adobe. Além disso, promove a capacitação de construtores locais com técnicas de menor custo como o ferrocimento, o reboco natural e a geotinta. Através dos conhecimentos da agroecologia buscamos reverter o processo de desvalorização da agricultura tradicional e o êxodo rural, promovendo assim o fortalecimento da agricultura familiar e promoção de segurança alimentar. Todo esse movimento ligado a aplicação e disseminação de conhecimentos destas ciências socioambientais, vem propiciando também o desenvolvimento de um turismo de base comunitária sustentável e gerando renda para os moradores que estão sendo convidados a implementar as técnicas apreendidas em casas de Congonhas do Norte e de outras cidades no entorno.

Com o desenvolvimento de todo esse processo de associativismo, mobilização comunitária e com as novas tecnologias introduzidas, a inserção na política local e a demanda pela geração de políticas públicas, bem como a parceria com a Prefeitura Municipal, foram ganhando força e espaço. As técnicas de saneamento, e em parceria com a Prefeitura, vem sendo cada vez mais disseminadas na região. A Usina de Triagem e compostagem, com nossa consultoria, será gerida por uma associação local que está sendo capacitada em



nossos cursos. Um projeto já desenvolvido pela ACARE em Extrema será novamente utilizado para promover a mobilização social do município para a coleta seletiva. Todos esses conhecimentos e técnicas são perpetuados através de um projeto na Escola Estadual, denominado Escola Sustentável. No campo do resgate e preservação da cultura local, além do documentário que está sendo produzido, iniciaremos nos postos de saúde o projeto Farmácia Viva.

2 – Recorte das ações do Contraponto: Agroecologia e desenvolvimento comunitário

Em linhas gerais, a Agroecologia segundo Siliprandi (2015), "é a ciência que pretende apoiar a transição dos atuais modelos de agricultura e de desenvolvimento rural, considerados insustentáveis, para outros, sustentáveis". Esta abordagem compreende que para se promover tal transição é necessário ir além da questão agrícola e de produção, e levar em conta também os problemas sociais, os cuidados com o ambiente e com os atores sociais envolvidos no processo. Fundamentando-se nestes princípios e por compreender que todo processo de transformação se dá através do ato educacional, é que o Contraponto atua de maneira contextualizada as necessidades locais e vai progressivamente buscando mecanismos para solucionar os problemas da comunidade.

Neste sentido, o foco inicial do projeto foi o de solucionar os problemas de saneamento básico de Extrema, levando para os agricultores técnicas de saneamento ecológicos como as Bacias de Evapotranspiração. No processo foram construídos, através de mutirões, este modelo em 60 por cento das casas do vilarejo e capacitados mais de 20 profissionais locais para a execução do modelo. Além disso, realizamos uma ampla divulgação do modelo através de palestras, elaboração de manuais e de vídeos e outros materiais que detalham o processo de construção. Foi estabelecida uma parceria com a Prefeitura Municipal de Congonhas do Norte, o que vem gerando políticas públicas direcionadas a este modelo de saneamento que foi incluído no Plano Municipal de Saneamento básico do município. Através de projeto escrito para a FUNASA, captamos para a prefeitura uma verba para a construção de mais 106 bacias, o que cobrirá as casas de toda a região de Extrema e metade das casas do vilarejo vizinho, denominado Santa Cruz de Alves.

O projeto de saneamento básico tem sido a principal bandeira do Contraponto e tem propiciado reconhecimento para a comunidade, que foi selecionada e financiada pela UNESCO para participar do Fórum Mundial da Água em 2018, por ser um dos 60 projetos comunitários de maior impacto na gestão das águas. Novas parcerias têm sido estabelecidas com diversas instituições como associações, Instituto Estadual de Florestas, Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, Universidades Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Prefeituras Municipais da região, para promover cada vez mais a disseminação destes conhecimentos fundamentais para a garantia de um direito básico da população.

Além dos outros projetos desenvolvidos pelo Contraponto, um dos principais focos atualmente o de Agroecologia. Já foram promovidos três cursos com esta temática e nesta nova fase do projeto de Agroecologia, ativaremos o Banco de Sementes Comunitário já construído no espaço comunitário e promoveremos mais cursos, para finalizar a implementação de um Sistema Agroflorestal Modelo. No curso de Março de 2019 teremos três cursos práticos e teóricos, em parceria com a Prefeitura Municipal e o Sindicato rural, destinado



especificamente aos produtores das regiões. Atualmente temos auxiliado a prefeitura a estudar maneiras de inserir os produtos da agricultura familiar no mercado local. O fortalecimento político e a crescente mobilização social da comunidade culminaram na proposta de um projeto mais recente, de instituição de uma feira de produtos da agricultura familiar no município. O espaço já está sendo construído e estamos agora na fase de cadastrar os produtores que ofereceram seus produtos no mercado.

Sobre a perspectiva da importância e do papel fundamental da mulher para o desenvolvimento da Agroecologia, já que são elas as responsáveis por produzir diretamente o alimento, prover a água e o combustível da casa, o Contraponto tem procurado dar voz e torna-las protagonistas do processo na comunidade. Além de ser um projeto idealizado por uma mulher, são elas as protagonistas mais engajadas no desenvolvimento e execução das atividades. Além de construir umas das construções do espaço e serem responsáveis hoje por ministrar cursos diversos, com temáticas que vão desde a construção de edificações até as ligadas diretamente a Agroecologia, são as mulheres do vilarejo que cuidam do SAF implementado no Contraponto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama da sociedade atual é de profunda desigualdade social, que é agravada cada vez mais pelo modelo econômico vigente, e resulta em índices crescentes de violência, disputas de classes e na pressão dos movimentos sociais por mudanças. Conforme afirma Ploeg (2008), o império e o modo de produção capitalistas geram suas próprias fissuras e mazelas, “becos sem saída da mercantilização da terra e do trabalho”. Ele discorre sobre os movimentos de resistência contraimperiais e que promovem um reordenamento rural, traduzido nos “novos campesinatos” que se consolidam pelo mundo todo, e que são impulsionadas pelo processo de marginalização que a industrialização e modernização da agricultura ocasionam. Essa luta pela autonomia e sobrevivência, em um contexto de privatizações e dependência, é a atualização camponesa, que ocorre de múltiplas formas e está diretamente relacionada às alterações do modo camponês de produzir, baseado no resgate e valorização dos conhecimentos tradicionais desacreditados pela ciência. A reconstrução camponesa seria resultado, sim, da resistência, mas também da limitação biológica, humana e social das práticas agrícolas voltadas para lucro e o ganho econômico, que resultaram em unidades produtivas insustentáveis.

O longo histórico de movimentos de resistência e resiliência camponesa, deixa claro que o modo de vida próprio do camponês, seus saberes e sua relação com o meio o tornam um sujeito ímpar, dotado de grande força e com lógica diferente da reproduzida de maneira colonizadora atualmente. Já o modo de produção capitalista nos leva invariavelmente a uma crise de proporções econômicas, sociais, ecológica e alimentar. Neste panorama, segundo o Ploeg (2008), o modo camponês de fazer agricultura associado a uma ideia segundo o autor de “coprodução entre homem e natureza”, se apresenta como o ecologicamente mais adequado.

Com a crescente integração entre o campo e a cidade, e o crescimento do interesse das populações urbanas pelo meio rural e por alimentos de qualidade, o movimento da Agroecologia ganha cada vez mais força e a mulher um papel de destaque neste processo. Além da possibilidade de geração de empregos, este



crescimento possibilita também benefícios nos campos da preservação ambiental e valorização dos saberes tradicionais. Deste modo, o Contraponto busca por possibilidades e alternativas para promover mudanças e desenvolver o espaço rural, especialmente no caso de tecnologias socioambientais, pois tem consonância com o ambiente e com a realidade socioeconômica das famílias rurais. O processo de educação, mobilização social, engajamento e fortalecimento comunitário são certamente os pontos principais para o florescimento econômico desta comunidade rural e tem caminhado para o desenvolvimento de modelos autossustentáveis, que privilegiem a preservação do patrimônio cultural e ambiental, e para a promoção de equidade social.

REFERÊNCIAS

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

PLOEG, J. D. V. D. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

SLIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.